



MÉTODOS QUALITATIVOS DE PESQUISA: EXPLORANDO SENTIDOS E TEMAS EM DIFERENTES LINHAS DE UM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

QUALITATIVE RESEARCH METHODS: EXPLORING MEANINGS AND THEMES IN DIFFERENT LINES OF A GRADUATE PROGRAM IN ADMINISTRATION

João Fernandes Jorge de Siqueira¹

Gustavo dos Santos Miranda de Avelar²

Valderí de Castro Alcântara³

Resumo: Este estudo investiga o uso de métodos de pesquisa qualitativa em gestão por professores de um programa de pós-graduação de uma universidade pública brasileira. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, e os dados foram examinados por meio de Análise Temática. Para a interpretação dos resultados, foram definidas quatro categorias de forma fluida e flexível, a fim de alcançar maior profundidade e engajamento com os dados: (i) rigor e relevância, (ii) objetividade e subjetividade, (iii) ética na pesquisa qualitativa e (iv) espaços e disputas acadêmicas. Os resultados revelam divergências e preconceitos em determinadas áreas da gestão. Observou-se que os entrevistados possuem visões diferentes sobre o valor das abordagens qualitativas e sobre as características necessárias para a construção do conhecimento científico. Este trabalho visa contribuir para o avanço da pesquisa qualitativa em Administração e refletir sobre seu significado e praticidade. Além disso, destaca as dificuldades enfrentadas pela academia em valorizar os métodos qualitativos na pesquisa gerencial.

Palavras-chave: Metodologia; Pesquisa; Administração; Pesquisa Qualitativa.

Abstract: This study investigates the use of qualitative research methods in management by professors from a postgraduate program at a Brazilian public university. Semi-structured interviews were conducted, and the data were analyzed using Thematic Analysis. For the interpretation of the results, four categories were defined in a fluid and flexible manner to achieve greater depth and engagement with the data: (i) rigor and relevance, (ii) objectivity and subjectivity, (iii) ethics in qualitative research, and (iv) academic spaces and disputes. The results reveal divergences and biases in certain areas of management. It was observed that interviewees have different views on the value of qualitative approaches and on the characteristics necessary for the construction of scientific knowledge. This work aims to contribute to the advancement of qualitative research in administration and to reflect on its meaning and practicality. Furthermore, it highlights the difficulties faced by academia in valuing qualitative methods in managerial research.

Keywords: Methodology; Research; Administration; Qualitative Research.

¹ Mestrando pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração – FACE/UFMG (CEPEAD); Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. jfsiqueira@yahoo.com

² Mestrando pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração – FACE/UFMG (CEPEAD); Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. gustavo.avelarsm@gmail.com

³ Doutor pela Universidade Federal de Lavras (UFLA); Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração – FACE/UFMG (CEPEAD); Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. valderialcantara@face.ufmg.br



1 Introdução

A Administração, enquanto campo de conhecimento científico, ganha relevância no início do século XX. Naquele momento, estava ancorada em raízes científicas positivistas, tanto no que diz respeito aos métodos propostos para produtividade e remuneração, fundamentados em princípios quantitativos, quanto em relação à própria indústria, que se muniu de princípios físicos, matemáticos, entre outros, para sua construção (Marsden; Townley, 2001).

Os campos científicos consolidados eram predominantemente quantitativos, tendo as ciências naturais como parâmetros de conhecimento para as demais áreas. Até a década de 1960, havia escassez de alternativas ao modelo de produção do conhecimento positivista e funcionalista na Administração, o que se materializava na hegemonia de métodos quantitativos (Marsden; Townley, 2001). No entanto, novas teorias críticas à concepção positivista permitiram que métodos qualitativos ganhassem espaço. A partir disso, o campo passou por períodos de conflitos paradigmáticos (Burrell; Morgan, 2019).

A pluralidade científica emergente enfrentou dificuldades para comparar e relacionar diferentes maneiras de produzir conhecimento, conforme destacam Burrell e Morgan (2019) fundamentados em Thomas Kuhn. De forma geral, destacam-se três grandes divisões metodológicas: quantitativa, qualitativa e mista. Inicialmente, as abordagens quantitativa e qualitativa foram tratadas de modo antagônico, enquanto a abordagem mista surgiu como uma complementaridade (Creswell; Creswell, 2017; 2021).

Os métodos quantitativos baseiam-se em amostras representativas e métodos estatísticos, visando à generalização, isto é, buscam-se parâmetros na amostra para inferirlos à população em geral. Nessa abordagem, valorizam-se a objetividade, a replicabilidade, o rigor, a validade e a confiabilidade, geralmente sustentados por teorias fundamentadas em interpretações numéricas (Bauer; Gaskell, 2017; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022). Já os métodos qualitativos buscam compreender os fenômenos por meio da perspectiva dos sujeitos envolvidos, sem a necessidade de generalização ou quantificação dos dados (Guba; Lincoln, 2005; Mattos, 2011). A pesquisa qualitativa, portanto, investiga ocorrências influenciadas por indivíduos, permitindo que os atores sociais se expressem. Ao mesmo tempo que ganha mais reconhecimento no mundo acadêmico, continua enfrentando o ceticismo em virtude de suas características (Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022;



Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Como já mencionado, a perspectiva dos métodos quantitativos predominou na Administração por muito tempo, resultando em estudos cujo objetivo principal era a maximização da eficiência da produção, em um campo de estudo que podia ser controlado, testado, medido e replicado de forma objetiva e matemática (Lanka; Lanka; Rostron; Singh, 2020).

Atualmente, os avanços nas pesquisas voltadas principalmente para os Estudos Organizacionais proporcionam uma ampla gama de possibilidades metodológicas, especialmente no que diz respeito aos métodos qualitativos. Contudo, novas metodologias podem encontrar desafios em diversos campos de atuação na Administração, em decorrência da forte influência do positivismo e do funcionalismo. Portanto, o debate entre pesquisa qualitativa e quantitativa, embora antigo, persiste na academia.

O conflito entre as metodologias qualitativa e quantitativa decorre da forma como os pesquisadores se envolvem com evidências empíricas, apresentando desafios éticos e de credibilidade nas práticas de pesquisa (Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Dessa forma, visando-se compreender as percepções em relação à pesquisa qualitativa e seu uso nas ciências administrativas, propõe-se o seguinte problema: como os métodos qualitativos são empregados, percebidos e abordados nas diversas áreas de pesquisa de um programa pós-graduação em Administração?

O objetivo deste estudo é investigar significados, aplicações e debates relacionados ao emprego de métodos qualitativos por docentes de um programa pós-graduação em Administração de uma universidade pública brasileira. Para tanto, além desta introdução, o artigo está dividido em mais quatro seções, nas quais se apresentam: uma breve fundamentação teórica; a metodologia; a análise dos resultados; bem como as considerações finais, com os principais achados, as limitações do estudo e a sugestão de uma agenda de pesquisas para estudos futuros.

2 Fundamentação Teórica

A pesquisa qualitativa é um método de investigação utilizado em diversas áreas, incluindo-se a da Administração (Godoy, 2005; Mattos, 2011; Denzin; Lincoln, 2011; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022; Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Ela procura compreender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos sujeitos envolvidos na situação estudada (Godoy, 1995; Vieira, 2004; Guba; Lincoln, 2005; Mattos, 2011; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022;



Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Além disso, não busca enumerar ou medir eventos, empregando-se instrumentação estatísticas na análise dos dados (Godoy, 1995; Vieira, 2004; Mattos, 2011; Torlig *et al.* 2022).

Os métodos qualitativos envolvem a obtenção de dados descritivos por meio do contato direto do pesquisador com a realidade pesquisada, a partir de amplos interesses que vão se moldando, muitas vezes, ao longo da realização da pesquisa (Godoy, 1996; 1998; Mattos, 2011; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022). Dentro da perspectiva qualitativa, há uma diversidade de métodos, formas de análise e estilos de apresentação dos resultados. Godoy (1995) destaca essa variedade, afirmando que a pesquisa qualitativa gerou uma ampla gama de abordagens de trabalho. Cada uma dessas abordagens pode trazer diferentes considerações sobre os sujeitos envolvidos, possibilitando, muitas vezes, abertura à criatividade do pesquisador e flexibilidade em relação ao ambiente e ao contexto em estudo (Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022).

Cunha e Rego (2019) propõem dois motivos principais para utilizar esse tipo de pesquisa. Em primeiro lugar, a pesquisa qualitativa permite a criação, ampliação e atualização de teorias. Em segundo lugar, em um mundo dinâmico, os métodos indutivos permitem uma observação detalhada da realidade, incluindo-se as mudanças em andamento e os processos associados a elas. Isso possibilita a identificação de novos temas e desafia a aplicabilidade de teorias antigas em novos contextos. Além disso, os métodos qualitativos são especialmente eficazes em detectar transformações sutis ao longo do tempo, desempenhando um papel crítico na identificação de temas emergentes (Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022). Por isso, no campo da Administração, a pesquisa qualitativa é considerada por muitos autores uma ferramenta fundamental, com alto potencial de gerar inúmeros *insights* sobre assuntos tratados pela gestão moderna (Bryman, 2004).

Contudo, embora venha ganhando cada vez mais atenção de pesquisadores e gestores, a pesquisa qualitativa ainda enfrenta forte oposição por parte de algumas visões marcadamente quantitativas (Lanka; Lanka; Rostron; Singh, 2020; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022). Isso se deve a um olhar mais tradicional, voltado para o positivismo (Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022; Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023), que faz com que a pesquisa qualitativa seja julgada e avaliada por meio de estruturas e padrões quantitativos (Lanka; Lanka; Rostron; Singh, 2020; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022).



Apesar de haver debates na literatura metodológica sobre os padrões a serem adotados a fim de se assegurar a qualidade nas investigações científicas alicerçadas em abordagens quantitativas, observa-se uma falta de consenso quando se trata de pesquisa qualitativa (Patias; Hohendorff, 2019; Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Para Godoy (2005), isso se relaciona à existência de uma variedade de abordagens qualitativas, cada uma com suas próprias regras e requisitos. Apesar disso, é fundamental estabelecer parâmetros que auxiliem tanto os pesquisadores no processo de autoavaliação quanto os especialistas externos nas avaliações para determinar o mérito de um estudo (Godoy, 2005; Patias; Hohendorff, 2019; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022).

Os critérios discutidos aqui não são os únicos presentes na literatura nem são exaustivos. Existem diversos debates a respeito deles e três principais pontos de vista (Godoy, 2005): i) os que sustentam que não é viável estabelecer critérios de avaliação para estudos qualitativos; ii) aqueles que buscam estabelecer tais critérios, relacionando-os às noções tradicionais utilizadas em pesquisas quantitativas; e iii) outros que defendem a criação de conceitos mais específicos e adequados a essa metodologia de pesquisa. Para Goetz e LeCompte (1988), aqueles que aplicam ou adaptam os critérios tradicionais de qualidade dos métodos quantitativos para os qualitativos, considerando o significado original dos termos, explicam que a confiabilidade está relacionada à possibilidade de reproduzir as descobertas, enquanto a validade se refere à sua precisão.

A confiabilidade em pesquisas qualitativas pode ser um desafio em razão da natureza única dos fenômenos sociais investigados em seus contextos naturais (Godoy, 2005; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022). Para aumentar a confiabilidade externa, é importante que os papéis e o *status* do pesquisador no grupo estudado sejam claros, que a seleção dos informantes siga critérios estabelecidos e que haja uma descrição detalhada dos contextos físicos, sociais e interpessoais do estudo (Cunha; Rego, 2019). Além disso, a qualidade dos dados primários deve ser cuidadosamente apresentada, permitindo que os avaliadores e leitores aceitem, neguem ou modifiquem as conclusões alcançadas (Cunha; Rego, 2019; Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). A presença de mais de um pesquisador no campo, a obtenção de ajuda dos participantes e a corroboração dos resultados por outros investigadores também contribuem para aumentar a confiabilidade (Bauer; Gaskell, 2017; Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023).



Já em relação ao critério de validade, é necessário questionar se os pesquisadores realmente observam ou medem o que acreditam estar observando e medindo, além de avaliar em que medida os conceitos e postulados gerados são aplicáveis a mais de um grupo (Bauer; Gaskell, 2017). A validade interna pode ser abordada por meio da permanência do pesquisador no campo e do uso de diferentes estratégias na coleta de dados, permitindo análises e comparações contínuas para aprimorar os conceitos elaborados e garantir a correspondência entre as categorias científicas e a realidade dos participantes (Bauer; Gaskell, 2017). A validade externa está relacionada aos fatores que impedem ou reduzem a comparabilidade dos resultados, sendo importante definir e descrever os componentes do estudo de forma que outros investigadores possam comparar seus resultados com estudos semelhantes (Bauer; Gaskell, 2017). Além disso, a compreensibilidade dos marcos teóricos, definições e técnicas de investigação também contribui para a validade externa (Bauer; Gaskell, 2017; Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023).

Outros critérios presentes na literatura são: i) credibilidade; ii) transferibilidade; iii) transparência; e iv) coerência. Em suma, a credibilidade está relacionada ao empenho do pesquisador em assegurar que sua interpretação esteja alinhada com a realidade, refletindo os significados e as experiências dos participantes (Guba; Lincoln, 1985; Godoy, 2005; Patias; Hohendorff, 2019). De forma semelhante, é necessário que, na pesquisa qualitativa, a influência dos pesquisadores ou conveniências situacionais estejam distantes dos dados e de sua análise (Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Já a transferibilidade dos resultados desloca-se do pesquisador original para aqueles que buscam aplicar ou transferir essas evidências para outros contextos; não depende da representatividade da amostra nem se baseia em níveis de confiança estatísticos. Portanto, a possibilidade de generalização não deve ser compreendida nos termos convencionais das metodologias quantitativas (Guba; Lincoln, 1985; Godoy, 2005; Patias; Hohendorff, 2019; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022). Por sua vez, a transparência deve revelar todo o processo pelo qual os dados são transformados em informações e conhecimento, incluindo o compartilhamento dos próprios dados e a explicação de como foram interpretados (Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Por fim, a coerência, segundo Cunha e Rego (2019), é crucial para que haja alinhamento entre a questão de pesquisa, os dados coletados, a teoria adotada e o nível de análise escolhido.

Embora a pesquisa quantitativa continue sendo valorizada por sua precisão numérica e generalização dos resultados, a pesquisa qualitativa desempenha um papel



fundamental ao oferecer uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos sociais. Mais recentemente, os métodos mistos emergiram como abordagens complementares, proporcionando uma visão mais abrangente e enriquecedora da realidade (Creswell; Creswell, 2017; 2021).

3 Metodologia

A presente investigação é qualitativa, e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que proporcionam maior abertura aos entrevistados no momento de responder ao que lhes é solicitado (Godoy, 2005; Patias; Hohendorff, 2019; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022; Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Participaram do estudo dez professores vinculados a diferentes linhas de pesquisa de um programa de pós-graduação em Administração de uma universidade federal brasileira (Quadro 1), selecionados conforme sua disponibilidade em participar da pesquisa. Garantiu-se a presença de pelo menos três professores de cada linha adotada pelo programa.

O referido programa de pós-graduação desta instituição é um dos pioneiros no Brasil e, atualmente, um dos 60 programas de mestrado e doutorado integrados em atividade no país. Desde sua criação, formou mais de 200 doutores e 600 mestres. Os participantes foram escolhidos com base em sua área de atuação no programa bem como em sua formação acadêmica, buscando-se, desta forma, equilibrar a representatividade das três linhas. Pode-se notar uma variabilidade educacional e profissional ao combinar os cursos de graduação e o doutorado dos participantes (Quadro 1). Vale ressaltar que os professores atuam tanto na graduação quanto na pós-graduação, o que possibilita oportunidades de estudos verticalizada e de qualidade.

O roteiro de entrevista incluiu perguntas gerais sobre os significados, as aplicações e os debates relacionados ao emprego de métodos qualitativos de pesquisa no campo da Administração. Também abordaram-se questões sobre a qualidade dessas pesquisas, os espaços para publicação, a visão da área de atuação do entrevistado em relação aos métodos qualitativos e o entendimento do entrevistado acerca do rigor, da qualidade, da confiabilidade e da validade de uma pesquisa qualitativa.

As entrevistas ocorreram tanto presencialmente quanto *online*, dependendo da disponibilidade e preferência dos participantes, e foram gravadas para posterior



transcrição e análise. As devidas assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram coletadas antes do início de cada entrevista.

Quadro 1: Formação e atuação dos(as) entrevistados(as).

Entrevistado(a)	Graduação	Doutorado	Área de atuação no programa
Entrevistado 1	Psicologia	Administração	Gestão de pessoas e estudos organizacionais
Entrevistado 2	Economia	Economia aplicada	Finanças e economia comportamental
Entrevistado 3	Zootecnia	Administração	Estudos organizacionais
Entrevistada 4	Comunicação social	Administração	Estudos organizacionais
Entrevistada 5	Administração	Administração	Gestão de pessoas e estudos organizacionais
Entrevistado 6	Engenharia de produção	Administração	Estratégia organizacional
Entrevistada 7	Administração	Administração	Marketing
Entrevistada 8	Administração	Engenharia de produção	Estratégia e operação
Entrevistado 9	Administração	Administração	Estudos organizacionais
Entrevistado 10	Economia	Economia aplicada	Logística e operações

Fonte: Elaborada pelos autores.

Iniciou-se a análise com a transcrição dos áudios coletados, utilizando-se, para tanto, o programa Transkriptor, que transforma áudio em texto. Posteriormente, o texto gerado foi corrigido à medida que se ouviam as gravações. Buscou-se eliminar repetições, vícios de linguagem e outras questões que afetam a fluidez de leitura, uma vez que a linguagem falada é mais espontânea e normalmente difere da linguagem escrita. Contudo, cabe destacar que as intervenções não impactaram o conteúdo coletado, não havendo descontextualizações ou omissões.

Os dados foram examinados com base no método de Análise Temática de Braun e Clarke (2006; 2019), o qual permite compreender o fenômeno estudado a partir da externalização de opiniões dos participantes (Braun; Clarke, 2006; 2019; Silva; Barbosa; Lima, 2020). Braun e Clarke (2019) definem tema como grupos de significados compartilhados reunidos em torno de um conceito central. Com base nesses preceitos e visando-se alcançar maior profundidade e engajamento com os dados, os temas foram codificados de modo fluido e flexível (Souza, 2019; Braun; Clarke, 2019). No Quadro 2, apresentam-se as quatro categorias e seus respectivos temas, delimitados a partir da discussão teórica e da análise das entrevistas.

**Quadro 2:** Categorias de análise e temas.

Categoria	Tema
1. Rigor e relevância	<ul style="list-style-type: none">➤ Validade➤ Qualidade➤ Confiabilidade
2. Objetividade e subjetividade	<ul style="list-style-type: none">➤ Objetividade➤ Subjetividade➤ Paradigma de pesquisa
3. Ética na pesquisa qualitativa	<ul style="list-style-type: none">➤ Comitê de ética➤ Interação com os participantes➤ Riscos
4. Espaços e disputas acadêmicas	<ul style="list-style-type: none">➤ Periódicos➤ Perspectiva dominante➤ Dificuldade de diálogo

Fonte: Elaborada pelos autores.

Inicialmente, foram delimitadas seis categorias e 18 temas. Após uma primeira análise, optou-se por não discutir neste estudo as categorias “sentidos da pesquisa qualitativa” e “impactos da pesquisa qualitativa”. Compreende-se que a primeira está imbricada nas demais categorias e que a segunda será abordada em outro momento. Assim, restaram quatro categorias e de 12 temas.

4 Análise dos Resultados

Nesta seção, apresentam-se e discutem-se os principais resultados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores do programa de pós-graduação em Administração. Com base na Análise Temática de Braun e Clarke (2006; 2019), identificaram-se e interpretaram-se os temas recorrentes nas falas dos participantes. Inicialmente, os dados foram categorizados em quatro grandes áreas: (i) rigor e relevância, (ii) objetividade e subjetividade, (iii) ética na pesquisa qualitativa e (iv) espaços e disputas acadêmicas. Cada uma dessas categorias é explorada detalhadamente a seguir, enfocando-se os significados, as aplicações e os desafios percebidos pelos entrevistados em relação ao uso de métodos qualitativos.

4.1 Rigor e Relevância na Pesquisa Qualitativa

Para o Entrevistado 3, não há um único rigor; são vários, dependendo do método escolhido – ou dos métodos escolhidos – para ir a campo e analisar os dados. Já o



Entrevistado 1 discorre sobre suas três concepções do que seria o rigor na pesquisa qualitativa.

Primeiro, é domínio das técnicas utilizadas. Eu tenho que compreender uma determinada metodologia, uma determinada técnica que eu estou usando em minha metodologia. Fundamentos teóricos, aplicação, enfim, usabilidades de modo geral. Segundo, é o cuidado em relação a elementos subjetivos que podem estar ali direcionando a minha análise e interpretação. Ao mesmo tempo em que eu olho e avalio a realidade estudada, eu tenho que parar e me avaliar em relação àquela realidade estudada. Esse é um ponto fundamental. Terceiro, tentar trabalhar, mesmo em metodologias qualitativas, com marcadores objetivos não é supor ou inventar determinados achados que não fazem parte de sua coleta ou de sua amostragem [...] o rigor tem a ver com isso, esse domínio teórico e esse domínio técnico, esse domínio da metodologia, claro, considerando meu interesse, considerando direcionamento da pesquisa e as usabilidades que o que é produzido adquire em se tratando de aplicação da pesquisa [...] A metodologia qualitativa não se justifica, ela precisa se aportar em marcadores objetivos que são dados pelo real (ENTREVISTADO 1).

A construção da noção de rigor nas pesquisas qualitativa e quantitativa, à medida que se complexifica, parece caminhar em direções divergentes e não complementares. A Entrevistada 4 afirma explicitamente essa distinção ao dizer: “Eu acho que o rigor é avaliado de uma forma diferente da quanti. Para mim, o rigor de uma pesquisa quali está muito no processo de explicitar a sua interpretação dos dados”. Essa visão é compartilhada por Cunha e Rego (2019) e Leonardo, Krahenbühl e Scaglia (2023), segundo os quais existe, na pesquisa qualitativa, um processo contínuo de coleta, exame, codificação e classificação de dados, o que ressalta a necessidade de processos que garantam mais precisão e clareza na forma como os dados são avaliados.

O Entrevistado 9, por sua vez, indica outra possibilidade de concepção de rigor.

[...] eu não estou do lado daqueles que trabalham com perspectivas quantitativas, que vão trabalhar a validade junto a critérios de neutralidade, objetividade, com matematização. Eu trabalho com a ideia de intersubjetividade como grande critério de qualificação do conhecimento científico. Isto é, se você produzir um conhecimento que seja reconhecido pelos seus pares como um conhecimento válido do ponto de vista acadêmico, isto vai ser rigoroso (ENTREVISTADO 9).

Para a Entrevistada 8, rigor metodológico é o mesmo que qualidade na pesquisa qualitativa. Em suas palavras: “[A qualidade] é o rigor metodológico. O rigor metodológico e a definição muito clara do objeto”. Essa percepção vai ao encontro do que defendem Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, (2022), de acordo com os quais a excelência na pesquisa qualitativa é caracterizada por sua importância, pela apresentação de relatórios completos e por sua execução adequada. Essa abordagem leva a resultados robustos e notáveis que atendem aos objetivos acadêmicos e práticos, resultando em o rigor metodológico. Além disso, a qualidade da pesquisa qualitativa



também depende de sua capacidade de reconhecer e interpretar os diversos significados e atributos inerentes ao objeto de estudo de forma clara e transparente, visão que foi aprofundada pelo Entrevistado 2.

A qualidade para mim é o resultante. Se você aplica [a pesquisa] seguindo os preceitos científicos, foca na validade, na confiabilidade, é bem provável que, com uma amostra que representa bem a sua população-alvo e consegue descrever seu fenômeno, sua ideia e sua questão de pesquisa está bem delineada e o método está adequado para ela, você tende a ser bem-sucedido (ENTREVISTADO 2).

A Entrevistada 5 ressaltou outro aspecto da pesquisa qualitativa, mencionando sua capacidade de fomentar práticas, ensinar e promover mudanças nas pessoas envolvidas, visão semelhante à de Hamilton (2020).

Aí novamente assim, ela tem que servir para prática. É nesse aspecto. E quando eu digo para prática, não no sentido manipulatório da prática, ela tem que permitir pesquisa qualificativa, ela tem que permitir que as pessoas que foram inclusive partes dessa pesquisa, elas tenham aprendido com a pesquisa. Então, para mim, uma pesquisa que não ensina, no sentido de não permite nenhum tipo de salto de consciência das próprias pessoas que estão sendo envolvidas na pesquisa, ela pode ser um tanto quanto inócua (ENTREVISTADA 5).

Isso coaduna com a noção de validade transacional de Cho e Trent (2006), perspectiva que procura ir além da questão de verificar a validade dos procedimentos, tratando a validade a partir da própria prática da pesquisa. Tal marcador seria uma questão equivalente ao seu impacto em direção a novas práticas. Ou seja, mediante o trabalho realizado, seria possível mobilizar práticas entre os sujeitos envolvidos, as quais resultam em princípios emancipatórios em direção à mudança social.

Vale destacar que foram explorados nas entrevistas temas como validade e confiabilidade. Embora compusessem perguntas distintas, em algumas entrevistas, esses temas foram tratados de maneira conjunta e complementar ao tema rigor, enquanto em outras, de modo distinto. Também aparecem, como na fala da Entrevistada 8, as distinções entre a perspectiva qualitativa e a quantitativa.

Validade seria a gente realmente ter uma replicabilidade do seu estudo. Então, quando a gente faz uma pesquisa quantitativa, por exemplo, é muito mais fácil eu transpor o método, o estudo, o modelo que eu criei para uma outra realidade, já que é tudo muito pragmático, as variabilidades são muito menores. No estudo qualitativo, não. Se eu realmente não tenho esse rigor metodológico, se eu realmente não tenho um delinear muito bem estabelecido e solidificado e justificado, eu conseqüentemente não vou ter possibilidade de replicabilidade do seu estudo (ENTREVISTADA 8).

Confiabilidade [...] aí tem um grande dilema de nós defensores dos métodos quantitativos. É literalmente isso. [...] Essa questão da consideração da amostra. A consideração da amostra é realmente um ponto bem problemático, posso até assim colocar. Para os defensores das pesquisas quanti que literalmente não aceitam assim amostras tão minimizadas (ENTREVISTADA 8).



Em um primeiro momento, pode-se observar que a definição de validade apoia-se na concepção de Godoy (2005) e Patias e Hohendorff (2019) sobre transferibilidade, partindo do critério da replicabilidade do estudo. Nesse sentido, os resultados deslocam-se do pesquisador original para aqueles que almejam reproduzir o modelo em contextos diversos. Contudo, os marcadores de representatividade, confiança estatística e possibilidade de generalização apontam para caminhos distintos, o que difere da visão de Leonardo, Krahenbühl e Scaglia (2023), que defendem que a busca pela validade metodológica na pesquisa qualitativa visa minimizar distorções e garantir resultados fidedignos, e não necessariamente reproduzir os achados.

A Entrevistada 8 define o qualitativo a partir do quantitativo. Tal visão remete à sobreposição de um método ao outro, o que evidencia que, para alguns entrevistados, a pesquisa qualitativa se torna mais confiável se seguir preceitos da pesquisa quantitativa, cenário muito comum nas pesquisas gerenciais (Lanka; Lanka; Rostron; Singh, 2020). Isso é endossado pelos Entrevistados 2, 7 e 10.

Validade e confiabilidade eu preciso de técnicas e estatísticas [...]. Você tem os preceitos de validade, você tem métricas, você tem parâmetros e testes estatísticos para avaliar a validade e a confiabilidade, então, você tem que fazer uso deles de acordo com o método que você tá utilizando, sempre à luz da literatura relacionada também (ENTREVISTADO 2).

Confiabilidade [...] acho um pouco injusto, mas acho que a quali, infelizmente, é mais difícil de ser [...] eu acho que a quanti passa mais confiabilidade do que a quali em muitos casos (ENTREVISTADA 7).

O Entrevistado 6, por sua vez, trata de validade interna e externa, demonstrando divergências em relação à Entrevistada 4.

Tem gente que também fala de validade interna e externa. Eu acho muito importante, na validade interna. Eu acho que a gente é pouquíssimo formado em lógica. E temos trabalhos qualitativos que você lê que são ilógicos assim, sabe? [...] Para mim a validade interna no sentido assim seu argumento ser lógico ele é muito importante e eu acho que a nossa formação é muito fraca nisso. De entender o argumento e ver se ele faz sentido [...]. Agora a validade externa aí depende, porque na pesquisa qualitativa nem sempre o que você quer é representar como as coisas são, mas mostrar como elas poderiam ser. Principalmente nas abordagens mais críticas assim, sabe? [...]. Muitas vezes você está usando uma teoria para dizer como que a realidade está errada (ENTREVISTADO 6).

[Confiabilidade] [...] dados válidos são dados confiáveis. Não tem aquela coisa como uma pesquisa quanti e tem a confiabilidade interna, externa e o caramba. Não, a minha preocupação é global nesses sentidos assim de ter uma explicitação sobre quem é o pesquisador e o que que isso afeta na pesquisa, de ter o cuidado de mostrar as decisões metodológicas porque elas foram tomadas. É um hábito que eu acho que a maior parte de pesquisadores não tem [...]. Você tem que ter a honestidade de aceitar quando os dados não falam o que você quer. Eu acho que a ética também entra um pouco nisso. [...] eu relaciono essas questões de validade e confiabilidade também a essa intenção de respeitar o



dado, entendeu? Que eu acho que um bom cientista deve fazer a despeito do seu ego (ENTREVISTADA 4).

Percebe-se que o Entrevistado 6 posiciona-se em relação à validade de maneira lógica e indica que a validade interna existe quando uma conclusão é logicamente obtida. Contudo, seu posicionamento quanto à validade externa vai além das concepções de capacidade de generalização ou extrapolação dos resultados e de verificação dos resultados com relação a serem verdadeiros e confiáveis (Guion; Diehl; McDonald; 2011; Hamilton, 2020). Isso se deve ao fato de que ele também vislumbra a possibilidade de mudanças no contexto social, ou seja, faz uso das teorias e métodos científicos para apontar a possibilidade de novas formas de práticas sociais, distintas da realidade atual (Hamilton, 2020; Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, 2022). Já a Entrevistada 4 alinha-se às percepções de Koro-Ljungberg (2015), no sentido de validar uma pesquisa pela via da transparência, responsabilidade e ética, principalmente no que diz respeito ao percurso da pesquisa e à análise de dados. Ela explora um pouco do que defende Hamilton (2020) em relação aos desafios metodológicos e éticos na aplicação de métodos qualitativos, o que exige do pesquisador a adaptação das estratégias de pesquisas de acordo com o contexto situacional do estudo, garantindo-se, assim, maior transparência, confiabilidade e ética na interpretação dos dados.

O Entrevistado 9 assume uma postura mais pragmática ao conceituar o tema validade e ao se posicionar enquanto pesquisador. Ele partilha da visão do Entrevistado 3, que compreende a pesquisa qualitativa como uma nova forma de se pensar epistemologicamente a pesquisa, forma esta que é descolada e diversa da pesquisa quantitativa positivista sobre confiabilidade.

Todos esses itens que vocês estão me perguntando, eles são típicos de pesquisa positivista. Quem faz pesquisa qualitativa não está preocupado com esse tipo de coisa, com rigor, com confiabilidade, com coisas assim porque eles são critérios tipicamente positivistas. Não é que eles estejam fora da agenda qualitativa, mas eles operam de uma outra forma, já que eu não estou atrás exatamente dos mesmos parâmetros para definir que uma coisa é científica (ENTREVISTADO 9).

A validade é a mesma de uma quantitativa, quer dizer, a produção é de conhecimento [...]. Os avaliadores criam problemas muitas vezes quando eles não estão pensando no qualitativo. Então, por exemplo, depende do meu problema de pesquisa e da minha metodologia [...]. Então, muitas vezes, por exemplo, o rigor, a confiabilidade e a validade estão muito ligadas a uma amostra que não existe na pesquisa qualitativa. Por quê? Porque você está interessado na pesquisa qualitativa epistemologicamente na produção de conhecimento. Então você já quebra. Diferente da funcionalista e quantitativa que quer comprovar hipótese. Você não quer comprovar hipótese (ENTREVISTADO 3).



De acordo com Godoy (2005), esse tipo de pesquisador é caracterizado por criar conceitos específicos que se adequem à sua agenda de pesquisa qualitativa. Isso ocorre porque na visão qualitativa existem abordagens distintas para compreender a realidade (Lanka; Lanka; Rostron; Singh, 2020).

4.2 Objetividade e Subjetividade na Pesquisa Qualitativa

A objetividade e a subjetividade na pesquisa qualitativa foram abordadas pelos participantes com concepções e enfoques distintos. A explicação do Entrevistado 1 sobre o ponto de partida dessas duas categorias auxilia na compreensão dessas diferentes perspectivas.

Depende o que nós estamos chamando de subjetividade e objetividade. Em tese, a gente acha que subjetividade é o que diz do nosso mundo interno, particular e idiossincrático que não necessariamente é partilhável. E a objetividade é o oposto, é aquilo que é comum partilhar, explícito (ENTREVISTADO 1).

À medida que o debate se torna mais complexo, as categorias ancoram-se na relação entre o pesquisador, o objeto e o objetivo da pesquisa, no uso dos métodos para sua execução e na importância e influência dessa relação, tanto como é atualmente quanto como deveria ser. Nesse sentido, os entrevistados se dividem majoritariamente em três grupos: (i) os que defendem a eliminação da subjetividade da pesquisa; (ii) os que acreditam que eliminar a subjetividade seria impossível, mas que é imprescindível o uso de métodos e teorias para minimizar sua influência; e (iii) os que veem a subjetividade como uma aliada na pesquisa qualitativa.

O Entrevistado 10 apresenta uma visão que o insere no primeiro grupo, pautada no rigor metodológico que, segundo ele, seria capaz de excluir a subjetividade da pesquisa, uma vez que esta não deveria estar presente.

É o rigor que exclui a subjetividade (ENTREVISTADO 10).
Acha que a subjetividade não deveria estar presente nesse tipo de pesquisa? (ENTREVISTADOR).
Não, isso de forma alguma (ENTREVISTADO 10).

Segundo Minayo e Sanches (1993), a eliminação de toda a subjetividade, conforme defendida pelo Entrevistado 10, é questionável e insustentável. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa enfatiza as ricas percepções individuais, as experiências e a criação de sentido, o que contrasta com o enfoque em resultados práticos e melhores práticas generalizáveis. Essa abordagem baseia-se na crença de que os fenômenos psicológicos e sociais são complexos e interconectados, desafiando a ideia de reduzi-los a variáveis



mensuráveis. O comportamento humano é influenciado por entendimentos únicos derivados de descrições detalhadas de fenômenos sob a perspectiva dos indivíduos envolvidos (i.e., sujeito pesquisado e pesquisador), que são vistos como os criadores desses fenômenos. A subjetividade, intrínseca a todo esse processo, é responsável por trazer luz às interações que ocorrem entre sujeitos e ambiente (Lanka; Lanka; Rostron; Singh, 2020).

Neutralidade científica não existe. Por quê? Eu enquanto ser tenho uma constituição subjetiva, tenho desejos, interesses etc. Na maneira como eu estudo e aprendo o copo [objeto] e na maneira como me volto ao estudo e a apreensão do copo, essa minha subjetividade ganha forma na maneira como o caminho metodológico, como a escrita, como a estruturação do trabalho se estabelece (ENTREVISTADO 1).

Alguns entrevistados recorrem aos métodos como forma de lidar com a subjetividade na pesquisa; contudo, sua aplicação varia. Há os entrevistados que buscam minimizar as influências subjetivas na pesquisa; para isso, respaldam-se nos princípios dos métodos quantitativos.

Então, tem como mitigar os aspectos subjetivos do pesquisador quando ele vai aplicar, mas é muito difícil de eliminar. Pela minha experiência, eu te falo que a subjetividade vai tá sempre presente, ela pode ser minimizada adotando ao máximo o rigor que o método que você escolheu exige (ENTREVISTADO 2).

[...] a amostra seria um grande dilema e a subjetividade é outra. É muito difícil assim a gente desvencilhar desses aspectos subjetivos. [...] É muito difícil a gente ser neutro, principalmente a depender do contexto de pesquisa que a gente esteja realmente trabalhando. Essa questão literalmente da ausência da subjetividade é algo muito polêmico porque a nossa natureza humana nos impõe (ENTREVISTADA 8).

Há outros que enxergam a subjetividade como parte integrante do processo de pesquisa. Nesse ponto, destacam-se duas visões. A primeira trata a subjetividade de maneira relacional ao método ou paradigma teórico, ou seja, a subjetividade pode ser um componente fundamental ou pode ser dosada conforme os fundamentos do método ou da raiz epistemológica: “Eu acho que depende do método quali ele é mais subjetivo [...]. Então eu acho que [...] não é que seja negativa, ela faz parte, ela é constituinte da pesquisa quali interpretativa” (ENTREVISTADA 7). Isso é similar à visão de Torlig; Resende Junior; Fujihara; Demo; Montezano, (2022), que acreditam que deve haver um equilíbrio entre a meticulosidade das técnicas de coleta e análise de dados e o relacionamento dinâmico, recursivo e subjetivo formado entre o pesquisador e o sujeito, em um esforço contínuo para eliminar preconceitos e alcançar possíveis interpretações dos dados.

Depende do paradigma, do método teórico que a pessoa adota, sabe [...] se eu tivesse que escolher um paradigma [...]. Você tem que ter um, eu talvez me posicionaria como realista crítico, que assume que sim, a realidade social



ganha uma objetificação [...]. Todo o nosso acesso é por meio de construções teóricas que são subjetivas (ENTREVISTADO 6).

Nesse sentido, uma das visões entende que a subjetividade atua de modo constante e que ela não é condicionada por método ou paradigma, pois está intrínseca à pessoa humana e traz tanto benefícios quanto desafios à pesquisa.

[...] falando da subjetividade [...] na perspectiva da pesquisa qualitativa, eu entendo que ela agrega ao estudo, ela não atrapalha o estudo. Ela deve ser valorizada porque, por exemplo, eu estudar uma coisa é diferente de você estudar aquela coisa. Então, às vezes, o mesmo objeto dá origem a pesquisas diferentes, em função dessa subjetividade. Mas ela não pode desrespeitar o que está ali, por isso a importância de explicitar o processo porque se ela desrespeitar, o outro pesquisador vai olhar e vai identificar (ENTREVISTADA 4).

Como eu mencionei, a gente não tem como evitar a subjetividade, mesmo que os critérios sejam os mais rigorosos do ponto de vista quantitativo, existem aspectos inegavelmente subjetivos vinculados a escolha do tema, a o tipo de abordagem, ao recorte, ao método, decisões essas que vão revelar escolhas que no fundo no fundo traduzem a subjetividade do pesquisador. Como eu trabalho com pesquisa qualitativa, eu acho que a subjetividade ela não é um problema, ela é definidora inclusive daquilo que eu sou capaz de fazer. Só que eu ao explicitá-la eu trago para luz essas escolhas e não fico criando critérios vagos e completamente fictícios que vocês devem acompanhar em alguns artigos são artificiais mesmo de produção de conhecimento (ENTREVISTADO 9).

Para a Entrevistada 5, as relações entre objetividade e subjetividade são complexas: “[...] não tem como não existir, objetividade e subjetividade, em qualquer tipo de pesquisa. O que é diferente de objetividade do conhecimento produzido” (ENTREVISTADA 5).

O conhecimento é um aspecto subjetivo do ser humano [...] a subjetividade é a apreensão. É resultado da apreensão de muitas objetividades. A subjetividade não é imanente, ela não vem do nada. Ela vem de um conjunto de relações bastante concretas, bastante objetivas. Então, o rigor na análise qualitativa é conseguir superar a superficialidade dessa expressão subjetiva individual e encontrar suas raízes no que é a objetividade social daqueles dados encontrados (ENTREVISTADA 5).

Constata-se, assim, que a pesquisa qualitativa não é vista sob a ótica da neutralidade e objetividade (Denzin; Lincoln, 2001) e que seus variados caminhos e respectivos critérios avaliadores passam necessariamente pela subjetividade e reflexividade dos pesquisadores e sujeitos envolvidos na pesquisa (Lanka; Lanka; Rostron; Singh, 2020). Por fim, verifica-se que a questão da subjetividade na pesquisa qualitativa ainda não encontrou consenso entre professores e pesquisadores de diferentes linhas e orientações metodológicas.



4.3 Ética na Pesquisa Qualitativa

O aspecto da ética em pesquisa científica foi abordado sob dois princípios. O primeiro está diretamente relacionado ao percurso técnico regulamentado, que envolve órgãos reguladores, clareza de consentimento e apresentação de riscos. Já o segundo, compreende a esfera de relacionamento entre o pesquisador e seu objeto de estudo (participantes da pesquisa). Em relação ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), percebe-se que sua necessidade é indiscutível para os entrevistados, mas suas práticas dividem opiniões. Para o Entrevistado 2, “[...] toda pesquisa envolvendo seres humanos tem que passar pelo Comitê de Ética, isso aí é pra mim um fato”. Por outro lado, na entrevista 8, são valorizados o seu sentido regulatório e a possibilidade de divulgação científica nacional e internacional.

Bom, mas aí o Comitê de Ética já tem um respaldo [...]. Como integridade, o Comitê de Ética vai ser um aspecto fundamental, principalmente se você quiser transpor isso a um nível internacional ou até mesmo no nível de alta publicação, mesmo brasileira, você precisa inserir as numerações lá da Plataforma Brasil [...] (ENTREVISTADA 8).

Uma problemática levantada por Guerriero (2023) diz respeito ao modo como a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), o COEP e a Plataforma Brasil trabalham. Além de as normas serem aprovadas de cima para baixo, há a tentativa de padronizar o campo, como se houvesse uma única maneira de se fazer ciência. Deve-se adotar uma abordagem oposta e discutir se a pesquisa é feita com seres humanos ou em seres humanos, sendo essa distinção um componente central para a revisão ética, de acordo com a autora. Na opinião do Entrevistado 6, a atuação do comitê é pouco flexível à diversidade da pesquisa.

Tem várias questões éticas, o que tem gerado até um efeito colateral, assim, que é tipo uma burocratização ou judicialização da pesquisa até desnecessariamente às vezes, tá? [...] tem riscos diversos, né? Em geral na nossa área, eles teriam mais a ver com a própria situação trabalhista da pessoa e com questões mesmo de assédio, desrespeito e má representação, por exemplo, de alguns grupos (ENTREVISTADO 6).

Nesse sentido, é desejável que o COEP e o CONEP mantenham um diálogo com os pesquisadores, identificando as questões éticas envolvidas em cada projeto de pesquisa e, ao mesmo tempo, promovendo maior interação entre os comitês e os pesquisadores, a fim de que haja uma reflexão conjunta (Guerriero, 2023).

Como é que nós vamos trabalhar a monografia? Eu vou submeter ao COEP a monografia do aluno que precisa defender em seis meses. Em seis meses, muitas vezes o COEP nem analisou a questão do projeto. Então, para a monografia isso se torna problemático. Mas, a questão ética está colocada nesse sentido. [...] há um desentrosamento entre as áreas e isso é problemático.



Áreas de ciências humanas, ciências sociais aplicadas e sociais têm brigado por um outro COEP que não é ligado às medicina, a área da saúde. [...] eu acho que um dia sai o COEP de ciências humanas que vai trabalhar de uma outra forma (ENTREVISTADO 3).

Ademais, a relação entre o pesquisador e o objeto na pesquisa qualitativa também deve ser considerada na perspectiva ética (Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). As falas da Entrevistada 7 e do Entrevistado 9 contemplam essa relação.

Eu não pensava muito nisso até começar a deparar com alguns objetos de estudo mais complicados [...] Dependendo da questão, se ela for mais filosófica, profunda, a gente tem que ter realmente um cuidado, sabe? Uma orientação profissional de como conduzir [...]. Especificamente sobre questões éticas, eu acho que a gente tem que ter muito cuidado, sim, para evitar provocar algum tipo de desconforto, dano emocional para quando a gente estiver falando de pessoas (ENTREVISTADA 7).

Só que eu acho que tem uma discussão para além da investigação em si que ela tem sido colocada no segundo plano [...]. Existe uma coisa muito mais séria no que se refere à pesquisa qualitativa que é questão ética envolvida no processo. Não se trata de uma perspectiva extrativista na qual você se volte a extrair os dados dos entrevistados para escrever os seus artigos ou sua dissertação e depois deixar a situação dele na mesma. Porque querendo ou não, você interfere naquela realidade. Você faz com que aquela pessoa pense em coisas que ela não tinha pensado antes e quando você leva isso a sério, você está fazendo pesquisa qualitativa direito. E eu tenho encontrado infelizmente a maioria dos trabalhos pouco comprometidos com isso, as pessoas muito voltadas para suas próprias agendas e ignorando o outro. Esse outro que faz parte da pesquisa (ENTREVISTADO 9).

Nota-se que a ação de pensar a ética na pesquisa qualitativa é capaz de enriquecer tanto a pesquisa como produto quanto o pesquisador e os sujeitos envolvidos, por meio de autoconhecimento, alteridade e outras possibilidades de se relacionar (Leonardo; Krahenbüh; Scaglia, 2023). Essa abordagem complexifica e aproxima o pesquisador de sua pesquisa, aprofundando a compreensão dos fenômenos sociais (Bauer; Gaskell, 2017).

Por fim, a Entrevistada 5 enxerga a ética para além dos trâmites burocráticos e da relação entre pesquisador e objeto. A ética também se constitui enquanto prática, ou seja, o resultado da pesquisa qualitativa deve ter uma aplicação prática e ser orientado politicamente. Para ela, a questão ética mais importante “é que o resultado dessa produção sirva à luta de classes” (ENTREVISTADA 5).

4.4 Espaços e Disputas Acadêmicas

No que tange à receptividade de periódicos e congressos em relação às pesquisas qualitativas, as falas dos entrevistados indicam um embate ainda existente entre o qualitativo e o quantitativo, principalmente em áreas de atuação específicas. Observa-se



isso nas falas do Entrevistado 10 (área de Operações): “na minha área a pesquisa qualitativa não é tão bem-vista” e da Entrevistada 8 (também da área de Operações): “[...] a abertura é um pouco mais restrita [...] teriam mais dificuldades para publicar”. Na área de Marketing, a Entrevistada 7 também indica essa tendência: “a maioria quanti, muitos experimentos. O pessoal agora está fazendo muito experimento. Teve a fase da *survey* agora está na fase dos experimentos, ainda tem lugar para todo mundo, mas nos maiores *journals* é muito experimento”. O mesmo ocorre em Finanças, segundo o Entrevistado 2: “há uma tradição nos *journals* de Finanças, os *top journals*, né? Como os americanos falam, cinco, seis principais *journals*, de enfatizarem métodos quantitativos”.

Nesse sentido, pode-se observar que nem todas as áreas estão amplamente abertas a ambas as metodologias, sendo algumas predominantemente quantitativas. Isso colabora a visão de Minayo e Sanches (1993), Bauer e Gaskell (2017) e Cunha e Rego (2019), segundo a qual é possível perceber preconceitos contra os pesquisadores que utilizam métodos qualitativos em suas pesquisas, vistas como “folclore” (Cf. ENTREVISTADO 9) e “não são de verdade” (Cf. ENTREVISTADO 6). Lanka; Lanka; Rostron; Singh, (2020) também observaram isso e afirmam que, apesar de sua crescente popularidade, a pesquisa qualitativa enfrenta desafios para ser reconhecida como uma metodologia válida na literatura gerencial. Por esse motivo, essa disputa ainda está presente, algumas vezes de forma mais velada, outras, de forma mais explícita na academia.

[...] a pesquisa qualitativa tende a se posicionar como construção de teoria, né? Então é a fase inicial que não tem referencial teórico ainda significativo e aí por causa disso você se aprofunda bastante no caso para ganhar profundidade [...] gerar algumas primeiras proposições com o resultado e não como ponto de partida do trabalho, que possam ser futuramente elaboradas e aí testadas, né? Claro que nessa visão a pesquisa qualitativa é um pouco subserviente assim da quantitativa, que ela é meio que preliminar, né, é como se ela estivesse funcionando lá no início para oferecer alguma coisa para as pesquisas quantitativas depois fazerem a pesquisa de verdade (ENTREVISTADO 6).

Ao levantar explicitamente a opinião sobre a existência de algum choque acadêmico entre os métodos, observa-se um padrão. Os entrevistados que mais utilizam os métodos qualitativos afirmam a existência de um embate e de preconceito por parte daqueles que utilizam os métodos quantitativos, os quais, por sua vez, não destacam tanto a existência de divergências entre as posições. No entanto, a existência das disputas fica evidente nas falas do Entrevistado 1 e do Entrevistado 9.

Acadêmico eu acho que sim [...] toda aquela discussão de positivismo, antipositivismo e neopositivismo. Acho que isso não se resolveu; e politicamente é um pouco mais complicado porque isso implicaria nos diversos posicionamentos de área (ENTREVISTADO 1).



É claro! É muito evidente isso, muito evidente. Durante alguns anos aqui no meu programa tinha colegas nossos quantitativos que diziam que a gente fazia folclore, por exemplo, entendeu? [...] Eles diziam que a gente fazia folclore, porque não trabalhamos com o quantitativo (ENTREVISTADO 9).

Mesmo o pesquisador 2, de tradição quantitativa, reconhece a existência das disputas e destaca a dificuldade de diálogo entre os pesquisadores no programa de pós-graduação.

Eu tenho uma tradição quantitativa [...] eu vejo nos colegas quantitativos uma certa resistência, mas para mim é por muita falta de diálogo, as pessoas não conversam e não veem as possibilidades que a interação que o intercâmbio entre pesquisadores das duas metodologias pode gerar de sinergia, pode gerar de ganho para os dois lados (ENTREVISTADO 2).

Pelo que foi apresentado, percebe-se que, no âmbito acadêmico, ainda existem disputas entre pesquisa qualitativa e quantitativa. As divergências e disputas são percebidas, na maioria dos casos, por pesquisadores de tradição qualitativa, mas também por alguns pesquisadores de tradição quantitativa. Para autores como Lanka; Lanka; Rostron; Singh (2020), isso se deve principalmente à prevalência de tradições positivistas, empiristas e quantitativas nos estudos gerenciais, o que faz com que a pesquisa qualitativa seja avaliada com base em padrões e paradigmas quantitativos.

Por fim, no Quadro 3, apresenta-se uma síntese dos principais resultados encontrados nesta pesquisa.

Quadro 3: Síntese dos principais resultados.

Categoria	Síntese dos resultados
1. Rigor e relevância	<ul style="list-style-type: none">• Discussões aprofundadas sobre como o rigor é percebido de maneira diversa dependendo da abordagem metodológica adotada, seja ela qualitativa ou quantitativa.• Há uma clara divisão entre os pesquisadores quanto à aplicabilidade e relevância das metodologias qualitativas e quantitativas.• Enquanto alguns enfatizam a necessidade de uma abordagem qualitativa mais rigorosa, que incorpore critérios de validade e confiabilidade adaptados à natureza dos estudos qualitativos, outros defendem uma visão mais flexível que valorize a profundidade e o contexto dos fenômenos estudados.
2. Objetividade e subjetividade	<ul style="list-style-type: none">• As discussões enfocam a tensão entre a busca pela objetividade e a inevitável presença da subjetividade nos estudos qualitativos.• A subjetividade é pode ser vista como uma ferramenta interpretativa valiosa que contribui para a compreensão mais aprofundada dos fenômenos, enquanto a objetividade é frequentemente associada à validade e precisão dos dados.• Os entrevistados expressam opiniões diversas sobre como esses elementos influenciam a credibilidade e a interpretação dos resultados. Alguns argumentam que métodos qualitativos devem abraçar sua natureza subjetiva como uma força, e não como uma limitação.



3. Ética na pesquisa qualitativa	<ul style="list-style-type: none">• As preocupações éticas são uma constante nas discussões, com ênfase na necessidade de práticas éticas rigorosas que garantam o consentimento informado, a confidencialidade e a minimização de danos aos participantes.• A ética também é discutida no contexto dos Comitês de Ética, em que há um apelo por diretrizes que reconheçam as particularidades dos métodos qualitativos e se adaptem a elas, evitando-se a imposição de padrões que podem limitar a flexibilidade e a relevância ética dos estudos.
4. Espaços e disputas acadêmicas	<ul style="list-style-type: none">• Revela-se uma forte tensão entre métodos qualitativos e quantitativos no ambiente acadêmico, com relatos de desafios na publicação de pesquisas qualitativas em periódicos dominados por abordagens quantitativas.• Os entrevistados discorrem sobre a luta para legitimar a pesquisa qualitativa como uma abordagem científica válida.• Destaca-se a necessidade de diálogo e colaboração entre as diferentes metodologias para enriquecer o campo da pesquisa em Administração, superando os paradigmas que segregam e limitam a diversidade de abordagens científicas.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Nesse sentido, as discussões sobre a percepção do rigor variam com base na abordagem metodológica, levando a opiniões divergentes entre os pesquisadores sobre métodos qualitativos e quantitativos. Alguns defendem uma abordagem qualitativa rigorosa, enquanto outros preferem uma perspectiva mais adaptável, com enfoque na profundidade e na compreensão contextual. O debate sobre objetividade *versus* subjetividade em estudos qualitativos concentra-se na tensão entre os dois conceitos. A subjetividade é vista como uma ferramenta de interpretação que melhora a compreensão, enquanto a objetividade está ligada à credibilidade dos dados. Existem diferentes pontos de vista sobre como esses fatores afetam a credibilidade e a interpretação. Alguns deles sugerem que a subjetividade deve ser adotada em métodos qualitativos.

As considerações éticas são cruciais na pesquisa qualitativa, o que enfatiza a necessidade de padrões éticos para consentimento informado, confidencialidade e proteção dos participantes. As discussões também envolvem Comitês de Ética solicitando diretrizes que respeitem as especificidades dos métodos qualitativos para manter a flexibilidade e a integridade ética. Nos círculos acadêmicos, há tensão entre metodologias qualitativas e quantitativas, com obstáculos relatados na publicação de pesquisas qualitativas em periódicos favorecendo paradigmas quantitativos. Os entrevistados notam preconceitos e desafios em estabelecer a pesquisa qualitativa como uma abordagem confiável. Há um apelo ao diálogo entre métodos e à colaboração na pesquisa gerencial para transcender paradigmas e aprimorar a variedade de abordagens científicas.



5 Considerações finais

Este artigo investigou os significados, as aplicações e os debates relacionados ao uso de métodos qualitativos por docentes de um programa de pós-graduação em Administração de uma universidade pública brasileira. Os resultados obtidos revelam que a percepção sobre a pesquisa qualitativa ainda é limitada. Em áreas como Finanças, Operações e Marketing, observa-se uma tendência de publicar menos artigos qualitativos e de avaliá-los com base em critérios quantitativos, considerados “pesquisa de verdade” por um dos entrevistados. Apesar da promessa de superar divergências e de construir um caminho produtivo, os métodos mistos (Creswell; Creswell, 2017; 2021) não foram discutidos pelos entrevistados. A maioria deles desenvolve pesquisas utilizando apenas métodos qualitativos ou quantitativos.

No que se refere à categoria “rigor e relevância”, existem dois grupos que possuem visões distintas sobre as relações entre abordagens qualitativas e quantitativas. Um deles relativiza o valor do método qualitativo em favor do quantitativo, enquanto o outro considera o qualitativo de forma independente e distinta do quantitativo. Em relação à “objetividade e subjetividade”, os entrevistados foram divididos em três grupos: o primeiro acredita que é possível eliminar a subjetividade; o segundo considera possível diminuir sua influência (com métodos e técnicas); já o terceiro entende que a subjetividade é inerente a toda prática de pesquisa. Quanto à “ética na pesquisa qualitativa”, percebeu-se que os pesquisadores possuem concepções divergentes sobre o que é agir de forma ética em uma pesquisa e acreditam que as pesquisas qualitativas necessitam de um arcabouço normativo distinto do adotado em outras áreas, especialmente em experimentos. Também existe uma dimensão da ética na pesquisa qualitativa que envolve a produção conjunta de conhecimento, com a participação de sujeitos, e não apenas “objetos”. Por fim, na categoria “espaços e disputas acadêmicas”, observou-se que ainda há atritos e disputas, o que dificulta o diálogo entre os adeptos dos diferentes métodos de pesquisa.

Os resultados são coerentes com o contexto do programa de pós-graduação, em que se observa pouca colaboração em projetos entre os professores das três diferentes linhas de pesquisa. Em geral, as atividades se desenvolvem dentro das linhas, com pouca interação entre elas. Os desentendimentos sobre a pesquisa qualitativa também se devem à existência de “lugares de pesquisa” e paradigmas, conforme Burrell e Morgan (2019), que dificultam a transição entre diferentes perspectivas, como diagnosticado por Paes de



Paula (2016). As disputas teóricas e paradigmáticas refletem-se nas escolhas, nos debates e nos diferentes usos de métodos qualitativos e quantitativos.

Esta investigação busca contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento da pesquisa qualitativa no campo da Administração, oferecendo *insights* e reflexões sobre sua relevância e aplicabilidade a partir de suas amplas possibilidades. Para uma agenda de pesquisa, sugere-se investigar cada área de estudo da Administração para interpretar profundamente as percepções dos métodos qualitativos. Além disso, recomenda-se examinar se a diversidade de técnicas em métodos mistos pode modificar as divergências entre as perspectivas qualitativas e quantitativas. Por fim, acredita-se ser relevante explorar em que medida propostas enfocadas nas matrizes epistemológicas (Paes de Paula, 2016) podem gerar inovações metodológicas e promover cooperação entre os adeptos dos diferentes métodos de pesquisa.

Referências

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, Oxfordshire, v. 3, n. 2, p. 77-101, jan. 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative research in sport, exercise and health**, Bristol, v. 11, n. 4, p. 589-597, set. 2019.

BRYMAN, A. Qualitative research on leadership: A critical but appreciative review. **The leadership quarterly**, Amsterdã, v. 15, n. 6, p. 729-769, dez. 2004.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organisational analysis: Elements of the sociology of corporate life**. Nova Iorque: Routledge, 2019.

CHO, J.; TRENT, A. Validity in qualitative research revisited. **Qualitative Research**, Califórnia, v. 6, n. 3, p. 319-340, ago. 2006.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 3. ed. Califórnia: Sage publications, 2017.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2021.

CUNHA, M.; REGO, A.. Métodos qualitativos nos estudos organizacionais e de gestão. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 188-206, dez. 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **The Sage handbook of qualitative research**. 4. ed. Califórnia: Sage, 2011.



- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.
- GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. **Gestão.Org**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 80-89, ago. 2005.
- GOETZ, J. P.; LECOMPTE, M. D. **Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Morata, 1988.
- GOLDENBERG, R. L. The management of preterm labor. **Obstetrics & Gynecology**, Seoul, v. 100, n. 5, p. 1020-1037, nov. 2002.
- GUERRIERO, I. C. Z. Ética nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais: entre a norma e sua aplicação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 18, e21203, p. 01-18, janeiro. 2023.
- GUION, L. A.; DIEHL, D. C.; MCDONALD, D. Triangulation: establishing the validity of qualitative studies. **Edis**, Flórida, v. 2011, n. 8, p. 01-03, ago. 2011.
- HAMILTON, J. B. Rigor in qualitative methods: An evaluation of strategies among underrepresented rural communities. **Qualitative Health Research**, Halden, v. 30, n. 2, p. 196-204, jan. 2020.
- KORO-LJUNGBERG, M. **Reconceptualizing qualitative research: Methodologies without methodology**. Londres: Sage Publications, 2015.
- LANKA, E.; LANKA, S.; ROSTRON, A.; SINGH, P. Why we need qualitative research in management studies. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v. 25, p. e200297, 2020.
- LEONARDO, L.; KRAHENBÜHL, T.; SCAGLIA, A. J. Validação e confiabilidade metodológica na pesquisa qualitativa: aplicações a um estudo em pedagogia do esporte. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 01-22, jul. 2023.
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic inquiry**. Londres: Sage, 1985.
- MARSDEN, R.; TOWNLEY, B. Introdução: A coruja de Minerva: reflexões sobre a teoria na prática. In: CLEGG, S. R.; HARDY C.; NORD, W. R. Nord (orgs.). **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2001. p. 31-60.
- DE MATTOS, P. L. C. L. “Os resultados desta pesquisa (qualitativa) não podem ser generalizados”: pondo os pingos nos is de tal ressalva. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, Edição Especial, p. 450-468, jul. 2011.
- MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 03, p. 237-248, jul./set. 1993.
- PAES DE PAULA, A. P. **Repensando os estudos organizacionais: para uma nova teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.
- PATIAS, N. D.; HOHENDORFF, J. V. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 24, n. 21, p. 01-14, nov. 2019.



SILVA, M. R.; DE SOUZA B. M. A.; LIMA, L. G. B. Usos e possibilidades metodológicas para os estudos qualitativos em Administração: explorando a análise temática. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Niterói, v. 14, n. 1, p. 111-123, mar. 2020.

TORLIG, E.; RESENDE JUNIOR, P.; FUJIHARA, R.; DEMO, G.; MONTENAZO, L.. Proposta de validação para instrumentos de pesquisa qualitativa (vali-quali). **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 05-29, jun. 2022.

SOUZA, L. K. de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, maio/ago. 2019.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. **Pesquisa qualitativa em administração**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 01, p. 13-28. 2004.

Recebido em: 21 de fevereiro de 2024.

Aceito em: 17 de junho de 2024.